UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO – LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Fabiana Aparecida da Silva

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO AMBIENTE ESCOLAR: desafios e propostas de aproximação

Porto Alegre
2010

Fabiana Aparecida da Silva

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO AMBIENTE ESCOLAR: desafios e propostas de aproximação

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau Licenciada em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:
Profª. Ana Maria de Barros Petersen

Tutora:
Cátia Zílio

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann
Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof.ª Valquíria Linck Bassani
Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll
Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Aos meus pais pelo estímulo.
À minha irmã pela confiança.
Ao meu marido pelo carinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que conspiraram a favor. Aos excelentes professores que muito me ensinaram ao longo do curso, aos colegas pelas parcerias e aos familiares pela compreensão nas longas horas de ausências.

RESUMO

Partindo das vivências do período do estágio supervisionado e dos anos de experiência docente, estabelece-se um parâmetro de observação e análise da relação família e escola. Para iniciar este estudo coloca-se uma caracterização da família no contexto desta análise enfocando os entraves desta relação e as expectativas que a escola tem sobre a família. Apresentamos a influência da família na aprendizagem de nossos alunos e as alternativas para que a comunidade participe de forma efetiva no ambiente escolar. Percebemos a partir deste estudo que a relação família e escola é também um ato político que fomenta a cidadania e tomada de consciência frente a um espaço que é seu.

Palavras-chave: Relação família e escola – comunidade escolar - cidadania

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8

2. CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA NO CONTEXTO DESTE ESTUDO..... 10

3. OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA DURANTE O ESTÁGIO 14

4. DIAGNOSTICANDO OS ENTRAVES DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA 19

5. O QUE O PROFESSOR E A ESCOLA ESPERAM DA FAMÍLIA? 22

6. INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO APRENDIZADO DOS ALUNOS 26

7. ALTERNATIVAS PARA QUE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA OCORRA 29

8. PARTICIPAÇÃO NA VIDA ESCOLAR: UMA ATITUDE DE CIDADANIA .. 32

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS 35

REFERÊNCIAS 37

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade cumprir as exigências pedagógicas e legais para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, strictus sensus, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como objeto de reflexão foi escolhido o tema *A importância da participação da família no ambiente escolar – desafios e propostas de aproximação* baseado nas experiências desenvolvidas ao longo do estágio obrigatório.

Este tema se originou nas indagações que se fizeram presentes ao longo do Curso de Pedagogia e que procuro sistematizar através desta escolha pontual, centrada nas análises das dificuldades de aproximação família-escola e propostas para que esta aproximação ocorra de forma efetiva para qualificar e aprimorar as aprendizagens dos alunos.

Tendo em vista as muitas questões que se colocam para a educação nos dias atuais, este trabalho visa levantar ideias e vivências sobre uma questão em especial que se refere a relação família e escola.

Para isso faço uma análise das minhas vivências de sala de aula em especial do período de estágio do curso de Pedagogia. Neste período pude observar de forma específica como se dá esse relacionamento, quais as dificuldades nesta interação e porque da necessidade desta aproximação.

Através desta observação e vivência em sala de aula procuro apontar as dificuldades que os pais enfrentam, os canais de comunicação e troca que hoje são oferecidos pela escola, as expectativas que a escola cultiva desta relação e os possíveis caminhos para que uma participação efetiva, não só no

âmbito administrativo mas também na esfera pedagógica, seja possível e realmente aconteça.

O presente estudo faz um esboço geral desta relação e propõe-se a analisar os dois eixos, tanto família quanto escola, buscando uma forma de cooperação e interação entre ambas para que uma educação cidadã e responsável seja possível em nosso país.

Partindo deste foco pretendo apresentar os desafios que se impõem e as propostas possíveis para esta aproximação. Dentro deste enfoque relatarei minha experiência em sala de aula e como vejo que esta relação se desenrola. Neste estudo apresentarei o que penso ser as dificuldades da família em tomar posse de um ambiente que é seu em contraponto as dificuldades da escola em se fazer aberta e presente na vida das famílias de seus alunos.

Meu objetivo, ao fazer esta escolha foi deter um olhar mais cuidadoso sobre a relação que se estabelece entre as instituições de ensino e as famílias dos educandos, como se apresentaram na realidade escolar, naquele momento; como os alunos se beneficiaram e, principalmente, que modificações senti na minha prática pedagógica.

2. CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA NO CONTEXTO DESTE ESTUDO

Sendo este um estudo que se propõe a analisar a relação família e escola, não poderia deixar de conceituar o termo família para que possamos ter claro com que núcleo de pessoas envolvidas com nossos alunos queremos estabelecer esta relação. A família, esta instituição que tanto se modificou ao longo das últimas décadas e que, por sua importância e influência na educação de nossas crianças deve ser olhada com atenção.

> Família: conjunto de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem. Pessoas do mesmo sangue, que vivem ou não em comum. Descendência, linhagem. O pai, a mãe e os filhos. Instituição social básica que compreende um ou mais homens, vivendo maritalmente com uma ou mais mulheres, os descendentes vivos, e, às vezes, outros parentes ou agregados. Grupo constituído por marido, mulher e filhos menores ou solteiros. (MICHAELIS, 1998)

Oliveira (2010, p. 101) considera que "tendo em vista a diversidade de organizações familiares, considera-se que a referência às famílias diz respeito àquelas configurações familiares compostas por, pelo menos, um adulto e uma criança ou adolescente."

No cotidiano das escolas vemos que são muitas as formas de organização familiar e, cada vez mais, a tarefa de criação e orientação dos filhos é dividida com novos agregados a esta instituição. O grande número de divórcios, filhos de novos casamentos e a necessidade de uma reorganização, uma vez que se estabelecem aí novas relações afetivas, evidenciam a necessidade de um novo olhar sobre a família que teremos como parceira.

> O Estado Brasileiro sempre dedicou importância a esta instituição, muito embora por longo período haja reconhecido apenas a família matrimonial. A Constituição de 1988 não adjetivou a família, mas lhe dedicou tratamento constitucional mais extensivo, uma vez que

> expandiu os efeitos jurídicos da família legítima para além da família matrimonial. (MENEZES 2008, p. 119)

Hoje vemos que para alguns alunos a referência de cuidado, carinho e proteção muda seguidamente à medida que muitas das crianças estão, em determinado momento, sob responsabilidade dos avós, passando, muitas vezes, para a guarda de tios ou madrinhas e, posteriormente, em alguns casos, voltando a viver com o pai ou a mãe. Essa situação poderá vir a criar uma falta de referência que se traduz numa maior necessidade de atenção, regras e afeto que esses alunos evidenciam. Observamos também que a diferença de regras e estruturas seguidamente se chocam nessa constante mudança de ambiente.

É nesta família que nos pomos a analisar que nosso aluno tem as primeiras lições de cidadania, relações interpessoais e visão do mundo que o cerca. É com esta família que a escola pretende estabelecer parcerias para que esta criança desenvolva-se satisfatoriamente em todos os níveis de educação.

"A família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social." (OLIVEIRA, 2010 p. 100). Daí a necessidade de nos debruçarmos sobre esta instituição que está diretamente relacionada com a vida e as aprendizagens de nossos alunos.

> Focalizando a realidade brasileira no que concerne à definição de família, a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) estabelece os princípios fundamentais em relação à instituição familiar e reconhece como entidade familiar a união estável entre homem e mulher, ou a comunidade formada por quaisquer dois pais e seus descendentes. Nota-se uma diferença significativa na definição estabelecida pela Constituição Brasileira em relação às apresentadas anteriormente quanto à não inclusão das relações não heterossexuais enquanto unidade familiar. (OLIVEIRA, 2010 p. 100)

Durante os últimos anos vários fatores fizeram com que a família se reagrupasse e tivesse uma organização bastante heterogênea. Portanto, não podemos caracterizar as famílias de nossos alunos de acordo com o modelo tradicional formado por pai, mãe e irmãos. "Embora não seja apropriado conceber um modelo único de família, de escola e/ou de mídia, é possível conside-

rar que cada uma dessas instituições pauta-se por propósitos e princípios distintos.” (Setton 2002 p. 3)

> Nesse contexto de transformação, a autoridade familiar como primeira forma de respeito a uma instância ligada à tradição vem sendo questionada. A reestruturação familiar – conseqüência da reorganização dos papéis – é responsável por um período de redefinição das posições de autoridade. O modelo familiar, já há algumas décadas, vive transformações graduais mas extremamente profundas, dado que a inserção da mulher no mercado de trabalho e o aumento dos níveis de separação de casais contribuem para a emersão de um novo padrão de convivência e referências identitárias. (SETTON 2002 p. 6)

Neste sentido de reorganização podemos salientar que os laços que unem algumas famílias não são somente sanguíneos. As relações de afeto também sofreram profundas modificações num mundo em que a união conjugal pode ser diversa. Em nossas escolas vemos a constituição familiar com muitas formações e estabelecendo regras e conceitos próprios.

> Apesar da crescente discussão acerca das possíveis definições de família e da busca por um conceito comum, ainda não é possível afirmar que exista uma definição de família que seja aceita e adotada consensualmente pelos estudiosos da área, pelas instituições governamentais e pela sociedade. Mesmo não havendo essa concordância unânime acerca da definição de família, há que se privilegiar aquelas definições que contemplam as variáveis mínimas, ou básicas, do que se entende por família, pois é a partir destas variáveis que se poderão realizar estudos e pesquisas mais amplos e representativos das relações humanas. Tais variáveis se referem, neste momento, à existência de uma díade e à intimidade vivenciada por seus membros nesta relação. (OLIVEIRA 2010, p. 101),

Dessa forma vemos a escola como instituição que deve estar atenta a necessidade de respeitar a individualidade de cada núcleo familiar. É comum encontrarmos famílias chefiadas e mantidas por mulheres, sejam elas mães, irmãs ou avós dos nossos alunos, famílias com filhos adotivos ou com uma constituição diversa.

> Considerando a família como um importante elemento na determinação dos destinos pessoais e sociais, nas trajetórias educacionais e profissionais dos sujeitos é preciso atentar para a heterogeneidade de configurações familiares, a diversidade de recursos e posicionamentos sociais, bem como a diversidade de comportamentos e relações que podem estabelecer com as outras instâncias socializadoras. (SETTON 2002 p. 6)

Esta lição de afetividade e de diversidade deve ser o enfoque para que possamos abrir diferentes canais de participação das famílias com a escola.

3. OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA DURANTE O ESTÁGIO

No primeiro semestre de 2010, trabalhando com uma turma de 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, novamente em minha prática me deparei com a situação de pouca, ou quase nenhuma, participação da família, evidenciando o pouco comprometimento com as atividades oferecidas pela escola.

Todo ano, iniciamos as atividades escolares programando nossa reunião de pais. Considerando que, neste ano, havia quatro turmas de 5º ano, o costume era de realizar as reuniões em uma sala única, onde as quatro professoras conversavam com todos os pais das suas respectivas turmas. Tal prática se sustentava na ideia, já estabelecida, de que a maioria dos pais não comparece à reunião.

Nossa escola atende alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e percebo que a queixa sobre a falta de interesse da família é geral. Penso que, uma das formas de melhorarmos esta participação, é valorizar estes momentos de encontro. Por este motivo, solicitei que a reunião de pais da minha turma fosse realizada separadamente para que assim pudesse estabelecer uma relação mais próxima com esses pais e conhecer um pouco da história de cada um.

> Os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras. (CAETANO, 2003 p.6)

Para a primeira reunião de pais, organizei um momento de recepção, uma reflexão, um momento de conversa e combinações para o bom andamento do ano letivo. Esperava que os pais ficassem felizes em conhecer a sala de aula e a nova professora de seus filhos. Para minha surpresa, apenas três dos vinte e dois pais compareceram à reunião naquela manhã de sábado.

> Pensar neste tipo de parceria requer então aos professores inicialmente uma tomada de consciência de que, as reuniões baseadas em temas teóricos e abstratos, reuniões para chamar a atenção dos pais sobre a lista de problemas dos filhos, sobre suas péssimas notas, reuniões muito extensas, sem planejamento adequado, onde só o professor pode falar, não têm proporcionado sequer a abertura para o iniciar de uma proposta de parceria, pois os pais faltam às reuniões, conversam paralelamente, parecem de fato não se interessarem pela vida escolar das crianças. (CAETANO, 2003 p.7)

Muitas reflexões surgiram a partir deste momento. Assim como a reunião que preparei para receber os pais de meus alunos teve inexpressiva participação, em outras turmas da escola a realidade era a mesma. Desta forma a ideia que se repetia era a confirmação da máxima de que a família não estava interessada em participar da vida escolar de nossos alunos.

Porém esta ideia não poderia ser aceita em uma escola que tem como visão "...ser reconhecida como instituição que promove a informação, a participação e o comprometimento com a educação. Um lugar indispensável para a base do aprendizado de todos." (PPP da escola, 2010) Estava claro, portanto que atitudes de retomada dessa relação família e escola eram necessárias.

> Não basta legitimar a situação com queixas e lamentações. Verdadeiramente, as famílias não se encontram preparadas sequer para enfrentar, quanto mais para solucionar os problemas que os educadores de seus filhos lhes entregam e ou transferem nas reuniões de pais, e outros poucos momentos em que se encontram os protagonistas desta relação. (CAETANO 2003 p.7)

Percebi portanto que é papel da escola e especialmente do professor da turma buscar a parceria com a família para que haja um bom aproveitamento do ano letivo. Além de contribuir para o bom desempenho do aluno, esperamos que a família seja parte da escola e como tal opine, dialogue e participe do

ambiente escolar.

Como parte desta retomada, inicialmente me propus conversar individualmente com cada pai ou responsável pelos alunos de minha turma. Durante vários dias agendei horários que se adequassem a rotina dos pais e os recebi em horários de almoço ou à noite. Percebi que este momento de diálogo sempre iniciava com o pedido de desculpas dos pais por não terem comparecido à reunião. Momento em que tive claro que as famílias se culpam por não corresponder ao que a escola espera deles.

Ao final de um mês consegui conhecer e conversar com todos os pais da turma. Combinações feitas, é o momento de pensar no próximo passo desta aproximação. A queixa de muitos pais era de que não conseguiam acompanhar o processo de aprendizagem das crianças, que a escola e as atividades estavam bem diferentes do seu tempo de aluno.

Imaginando que a escola deve ser um espaço de informação e conhecimentos que se estendem também as famílias que dela fazem parte, tomei como minha a responsabilidade de auxiliar os pais de meus alunos no processo de aprendizagem deste ano letivo. Tarefa nada fácil tendo em vista nossas muitas obrigações, agenda e horários limitados.

> A construção dessa parceria é função inicial dos professores, pois transferir essa função à família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação, não entendem de psicologia, desconhecem a didática, a sociologia, enfim, os resultados desta postura já se conhece muito bem: o afastamento da família. (CAETANO 2003 p.7)

A primeira dificuldade que se impunha era justamente a de manter um canal de comunicação com a família que se estendesse durante o ano e que mantivesse o vínculo com a escola proporcionando um crescimento e uma orientação para aprimorar essa relação. Uma alternativa que vislumbrei neste primeiro momento foi a de oferecer leituras que estimulassem a reflexão sobre o papel dos pais na aprendizagem dos seus filhos. Essas leituras tornaram-se mensais e os alunos ficam responsáveis por alcançar aos pais esse “tema de casa” e fiscalizar o seu cumprimento. Conforme Piaget (1972/2000, p.50) “se

toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem, o direito de serem senão educados, ao menos informados e mesmo formados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos".

Os textos oferecidos aos pais foram retirados de sites e revistas que tinham como objetivo dar dicas e esclarecer as famílias sobre a importância de sua participação diária e efetiva auxiliando os seus filhos nas tarefas escolares. Procurei textos que tivessem uma linguagem acessível e de fácil compreensão para a maioria.

Quando iniciei o trabalho com as leituras oferecidas as famílias, fiquei receosa em exigir um registro ou uma manifestação por escrito dos pais a respeito do que leram. Pela conversa individual que tive com os responsáveis, imaginei que ficariam relutantes e não gostariam de se expor ou ter a responsabilidade de enviar um retorno escrito. Assim apoiei este trabalho no prazer da leitura, na reflexão espontânea que dela deriva e na abrangência do conhecimento que através delas todos tivemos acesso.

As duas atitudes tomadas neste primeiro momento, a conversa individual e o oferecimento de suporte através das leituras, tiveram um resultado positivo e visível imediatamente através do momento da primeira entrega de avaliações. Momento este que em outros anos tínhamos muita dificuldade em fazer com que a maioria dos pais comparecessem. Para minha surpresa, na primeira entrega de avaliações obtive a presença de todos os pais da turma. Isso demonstra que se a escola coloca-se próxima e disponível para auxiliar, obtém da família uma resposta imediata, ainda não satisfatória quando falamos em participação, mas um começo bastante promissor.

Outra ação que considerei importante nesta aproximação foi o sábado referente ao dia da família, para o qual cada professor ficou responsável por oferecer uma oficina. Os pais participaram de retirada de livros da biblioteca, oficinas de artesanato, manicure, entre outras. Aproveitei para colocar em prática uma receita de pizza de talos e folhas que aproveita as sobras dos vegetais, receita esta que a turma aprendeu no Centro Ambiental de Sapiranga. Foi um sábado de sol, um dia bastante agradável para as famílias, alguns trouxeram seu chimarrão e aproveitarem o ambiente escolar

descontraidamente, sem o peso de cobranças.

Esse momento de descontração aproxima a comunidade da escola e faz com que se sintam parte dela. Infelizmente momentos como este são raros e acontecem pouquíssimas vezes durante o ano letivo. O que vemos frequentemente e que parece ser a atitude mais comum em todas as escolas é os pais serem chamados somente nas entregas de avaliações ou quando seu filho tem problemas de conduta ou aprendizagem escolar.

Pequenas ações comprometidas com o objetivo de aproximar a família da escola devem ser retomadas para que esta participação seja efetiva. Para mim, especialmente durante o período de estágio, esta reflexão foi constante, pois sinto que a escola deve comprometer-se com o aluno como um todo. Nossos alunos não são seres isolados, trazem uma bagagem de conhecimentos, sentimentos e expectativas construídas na família. Desta forma também nos comprometemos a construir com a família uma escola, uma sociedade e um futuro melhor.

> A intervenção pedagógica a estas questões, deve ser no sentido de considerar a necessidade da família vivenciar reflexões que lhes possibilitem a reconstrução da auto-estima, afim de que se sintam primeiramente compreendidos e não acusados, recepcionados e não rejeitados, pela instituição escola, além de que esta última possa fazê-los sentir-se reconhecidos e fortalecidos enquanto parceiros nesta relação. (CAETANO 2003 p.8)

É tarefa da escola oferecer apoio, suporte e meios para que a família também desenvolva-se e tome posse de espaços de cidadania e participação. O ambiente escolar pode ser o primeiro passo para que a comunidade conheça os mecanismos de participação e engajamento social. Lembrando que Freire (2001 p. 25) nos diz que “cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão.”

4. DIAGNOSTICANDO OS ENTRAVES DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Em diversos momentos no cotidiano escolar percebemos as dificuldades de aproximação entre família e escola. Um discurso recorrente nas salas de professores é o de que a família não valoriza ou apóia a escola, desmerecendo e desestimulando, desta forma, o trabalho da mesma.

> Se, por um lado, a relevância da família e da escola como contextos privilegiados de desenvolvimento humano está bastante consolidada em virtude dos estudos da psicologia da família e da psicologia do desenvolvimento, por outro, os aspectos que constituem e intervêm na relação entre estes dois contextos, sejam como barreiras à colaboração ou contribuindo para a sua promoção, ainda não estão suficientemente estabelecidos. (OLIVEIRA 2010, p 100)

Os professores responsabilizam a desestrutura familiar pelas dificuldades apresentadas pelos alunos ao longo do ano ao mesmo tempo em que percebem um acúmulo de funções que consideram não ser da escola mas que são passadas à ela pela família. A falta de participação ativa da família no processo de aprendizagem dos alunos é frequentemente apontado como um dos motivos das dificuldades ou mesmo do fracasso escolar deste educando.

> Desta forma entende-se que, apesar de escola e família serem agências socializadoras distintas, as mesmas apresentam aspectos comuns e divergentes: compartilham a tarefa de preparar os sujeitos para a vida socioeconômica e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar. (Oliveira 2010, p 102)

Buscando esta aproximação com a família a atitude das escolas, em sua maioria, é a realização de reuniões de pais e seguidamente o chamamento dos responsáveis pelos alunos que apresentam maior dificuldade, seja na aprendizagem ou no comportamento escolar esperado, para uma conversa particular.

Nessas atitudes podemos perceber o conceito de participação familiar esperado pela escola. Espera-se que a família auxilie este aluno em suas tarefas escolares e que seja cobrado dele um comportamento adequado para um ambiente escolar.

> À família são impostos limites para entrar em questões próprias da escola, como no campo pedagógico. Mas o mesmo parece não acontecer com a escola em relação à sua entrada na família, pois aquela acredita estar autorizada a penetrar nos problemas domésticos e a lidar com eles, além de se considerar apta a estabelecer os parâmetros para a participação e o envolvimento da família (OLIVEIRA, 2010 p. 104).

Nas escolas em que atuo, excluindo-se esses dois casos citados acima, a família é convidada a participar também dos eventos e festividades da escola. Momentos estes que visam o lucro e contam com o auxilio das famílias com doações e mesmo o consumo nas festas. Espera-se também que as famílias contribuam mensalmente com um valor espontâneo para o custeio de despesas da escola.

> A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade. (OLIVEIRA 2010, p 101)

Por outro lado vemos as dificuldades ou empecilhos colocados pelas famílias que não se fazem presentes na escola, não participam dos poucos momentos oferecidos pela instituiçao e não se sentem capazes de colaborar minimamente com o que lhes é solicitado.

Muitas vezes nos dizem de suas dificuldades em auxiliar nas tarefas escolares pelo pouco estudo que tiveram. Outras nos colocam as dificuldades de relacionamento com aquela criança que já não os respeita.

As novas constituições familiares, os problemas de violência, abandono, abuso e a falta de limites, carinho e compreensão colocam os professores frente a uma realidade complexa, o que torna difícil um

posicionamento que possa minimizar este sofrimento. Estas circunstâncias deveriam possibilitar um repensar no modo de aproximação da escola com a família, porém o que acontece é justamente o desânimo e a desistência por parte da escola em chamar esta família a participar.

5. O QUE O PROFESSOR E A ESCOLA ESPERAM DA FAMÍLIA?

As relações entre família e escola sempre foram pautadas por responsabilidades e cobranças. A necessidade de parceria e trabalho conjunto vem sendo subjugada por frequentes trocas de acusações entre os setores envolvidos nesta relação. Já consolidada, temos a ideia de que a família deve contribuir com a escola financeiramente e tem a obrigação de reforçar em casa o que o aluno aprende em sala de aula.

> A realidade brasileira é caracterizada pela pouca mobilização do sua população para explicitar uma disposição de utilizar os instrumentos da democracia participativa. Acrescente-se o fato de a maioria das organizações sociais se constituírem em representações relativamente frágeis, ou extremamente especializadas, tendendo a estabelecer relações particularizadas e diretas com a administração pública local. (JACOBI 2008 p.8)

Tais expectativas têm contribuído para afastar os pais da escola à medida que se sentem incapazes de auxiliar na aprendizagem de seus filhos. Principalmente nas escolas públicas em que a maioria das famílias são de baixa renda, é comum ouvirmos dos pais a queixa de que o que as escolas ensinam hoje é bem diferente do que quando eles aprenderam e que desta forma não conseguem ajudar seus filhos nas tarefas escolares.

> Tradicionalmente a família tem estado por trás do sucesso escolar e tem sido culpada pelo fracasso escolar. Quem não conhece o caso, comum no âmbito das famílias de classe média e das escolas particulares, da mãe que acompanha assiduamente o aprendizado e o rendimento escolar do filho, filha ou filhos, que organiza seus horários de estudo, verifica o dever de casa diariamente, conhece a professora e freqüenta as reuniões escolares? E quem não conhece o discurso, freqüente no âmbito da escola pública que atende às famílias de baixa renda, da professora frustrada com as dificuldades de aprendizagem de seus alunos e que reclama da falta de cooperação dos pais? (Carvalho, 2000 p. 2)

Esta dinâmica de reforço e apoio ao trabalho do professor é o que encontramos como fala comum entre os educadores para qualificar a relação família e escola. A medida em que este reforço encontra-se desqualificado ou inexistente temos uma relação deficitária, o que vemos como queixa frequente entre as dificuldades encontradas pelos professores em sala de aula.

Também na fala de muitos professores encontramos a queixa de que a escola assume hoje funções que não seriam originalmente as suas devido à desestruturação pela qual a família passa. As acusações frequentes contra a família não colaboram de forma alguma para que esta relação seja salutar. A escola precisa encontrar soluções para que, se detentora da solução da crise familiar de que fala, aponte caminhos para que essa família colabore no processo ensino-aprendizagem e faça parte efetivamente da comunidade escolar.

> No enfoque sociológico a relação família-escola é vista em função de determinantes ambientais e culturais. A relação entre educação e classe social mostra um certo conflito entre as finalidades socializadoras da escola (valores coletivos) e a educação doméstica (valores individuais), ou seja, entre a organização da família e os objetivos da escola. As famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares. Seguindo este enfoque, faz-se necessário, para o bom funcionamento da escola, que as famílias adotem as mesmas estratégias de socilização por elas utilizadas. (OLIVEIRA 2010, p. 102)

Em minha prática vejo que as ações de aproximação entre família e escola são sempre na intenção de fazer cobranças e reafirmar regras. O canal de comunicação entre a comunidade escolar seguidamente coloca-se como uma via única em que apenas a escola opina. Veja-se, por exemplo, o caso das reuniões escolares, as APEMEMs (Associação de Pais e Mestres) ou os Conselhos Escolares, nas quais a participação dos pais limita-se a fiscalização da utilização das verbas. Nesses momentos, pouco ou quase nada das necessidades e aspirações da família são levadas em conta. Ao contrário, vemos uma queda de força apontando sempre para um culpado em relação as possíveis dificuldades vividas pelo aluno. “Assim, a aptidão para aprender é medida pela evidência de que leituras, conversações e brincadeiras dirigidas ocorrem no lar, pressupondo a conexão entre atividades domésticas e currículo

escolar.” (CARVALHO, 2000 p. 6)

Sabemos do despreparo de muitas famílias para contribuir com o sucesso escolar de seus filhos. Em contra partida vemos que a escola pouco ou quase nada auxilia a família nessa construção. Na medida em que matricula-se um aluno numa determinada instituição de ensino espera-se que toda a comunidade escolar trabalhe em prol da formação desta criança, estimulando e criando ambientes saudáveis para que ela se desenvolva satisfatoriamente. Cabe a escola também orientar e apoiar estes pais nesta busca.

> A educação no mundo moderno não conta apenas com a participação da escola e da família. Outras instituições, como a mídia, despontam como parceiras de uma ação pedagógica. Para o bem ou para o mal, a cultura de massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta, socializando muitas gerações. (SETTON 2002 p. 3)

A tarefa da escola não pode ser solitária. Dela deveriam derivar parcerias e colaborações de toda comunidade escolar. Porém é importante que a escola esteja atenta para que estas colaborações sejam incentivadas e levadas em conta. O modelo de participação que se estabelece nos dias atuas já mostrou-se insatisfatório e ineficiente. Basta observarmos as inúmeras queixas dos professores quanto à falta de responsabilidade e parceria da família além de vários casos expostos na mídia que também revelam as dificuldades desta relação.

> Derivada do modelo de escolarização bem-sucedido das classes médias, baseado em aspirações familiares de ascensão escolar e social, na continuidade cultural entre o lar e a escola, na forma patriarcal de organização familiar e numa pedagogia escolar que requer a contribuição da família pelo dever de casa, a atual política de participação dos pais no processo educacional articula a escola e a família como espaços educativos de forma explícita e totalitária. (Carvalho, 2000 p. 8)

A visão restrita da escola quanto a participação da família ainda baseia-se numa expectativa de que esta família seja constituída por pai, mãe e filhos, considerando assim apenas a família matrimonial. Sabemos das expressivas mudanças e adaptações que a família brasileira vem sofrendo. Há uma

pluralidade de formação, laços sanguíneos e afetivos que precisam ser levados em consideração na hora de trabalharmos a relação família e escola.

Portanto a escola necessita adaptar-se a essa nova realidade oferecendo suporte a essas famílias. Desta forma não podemos exigir que os pais de nossos alunos tenham uma participação como ocorria com a família de algum tempo atrás. Um exemplo bem específico desta mudança está no grande número de pais divorciados que dividem a guarda dos filhos. Nos finais de semana esta criança vive em outro lar, com outras regras e outra dinâmica. A escola buscando trabalhar as individualidades de seus alunos deve estar atenta também as especificidades das famílias em que estas crianças vivem tentando adaptar-se e envolver a todos.

A participação se fortalece através do estímulo às práticas dialógicas permanentes baseadas em regras de reciprocidade e transformação sociocultural na dinâmica assimétrica que caracteriza as relações entre Estado e Sociedade. (JACOBI 2008, p.9)

Não podemos no mundo globalizado em que vivemos dar ênfase as dificuldades em detrimento das soluções. Em vários momentos na escola vemos as inúmeras queixas se multiplicarem e nenhuma delas apontar soluções. Devemos trabalhar com nossas famílias buscando e também oferecendo parceria e apoio. Esperar que somente a família contribua para o bom funcionamento da escola é reproduzir um modelo de relação deficitária e inexpressiva que vemos ainda sendo praticada.

6. INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO APRENDIZADO DOS ALUNOS

Em todos os níveis de escolarização os professores apontam a influência da família como determinante para o sucesso escolar de seus alunos. Estabelecendo desta forma o conceito de que bons alunos provêem de famílias estruturadas e com um bom nível cultural. Famílias que se importam com o sucesso escolar de suas crianças ou adolescentes e que assim contribuem com esforço escolar e auxílio nas tarefas de casa para sanar as possíveis dificuldades que estes alunos venham a ter.

> Assim, a escola que toma como objeto de preocupação levar o aluno a querer aprender precisa ter presente a continuidade entre a educação familiar e a escolar, buscando formas de conseguir a adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao estudar. Grande parte do trabalho do professor é facilitada quando o estudante já vem para a escola predisposto para o estudo e quando, em casa, ele dispõe da companhia de quem, convencido da importância da escolaridade, o estimule a esforçar-se ao máximo para aprender. (PARO, 1999 p. 3)

Para Menezes (2008) “a formação da personalidade, a autodeterminação ético-existencial do indivíduo e a solidariedade entre os membros seriam os principais objetivos da família, o que reflete o seu papel instrumental e não finalístico”.

De fato em meus anos de docência pude perceber a facilidade de aprendizado dos alunos que tem o apoio e suporte da família e, por conseguinte, as dificuldades dos alunos que tem pouco ou nenhuma estrutura de suporte familiar. Porém esta facilidade, a meu ver, se dá muito mais pela organização desta família, pela ausência de grandes conflitos e assim este aluno encontra a tranquilidade e segurança para concentrar-se nas atividades

escolares. Mesmo em famílias bastante humildes onde os pais tiveram pouco ou nenhum estudo mas que oferecem ao aluno um ambiente de segurança e tranquilidade, encorajando e estimulando para a frequência e o sucesso escolar de seus filhos, vemos já um ganho.

> As razões de ordem emocional e afetiva ganham um colorido permanente quanto ao entendimento da relação família-escola e da ocorrência do fracasso escolar. Ganha *status* natural a crença de que uma "boa" dinâmica familiar é responsável pelo "bom" desempenho do aluno. As descrições centradas no plano afetivo ganham a atenção dos professores que, com algum conhecimento de psicologia, levam esse discurso para dentro da sala de aula e passam, em um processo naturalizado por todos, a avaliar e analisar o comportamento dos alunos. (OLIVEIRA 2010, p. 102)

Baseadas nestas observações é que se reforça a ideia entre os professores da responsabilidade da família quanto ao sucesso escolar de seus filhos. E assim quando se fala em parceria família e escola logo aponta-se no sentido da responsabilidade quanto ao desempenho dos alunos.

> A promessa de uma relação produtiva entre a escola e a família inclui ganhos para a família (coesão, .empoderamento.), para a escola (eficácia), para os estudantes (o sucesso de todos) e para a sociedade (a construção democrática a partir da base e do cotidiano). (CARVALHO, 2000 p. 4)

A partir desta reflexão vemos que a efetiva participação da família que se envolve, não só em questões administrativas, mas contribui pedagogicamente para a construção de uma escola cidadã onde a participação da comunidade é o ponto chave para o sucesso de todos, está diretamente ligada ao aprendizado de seus filhos.

Muito mais que responsabilizar-se pelo reforço escolar e as cobranças de ordem prática a respeito das atividades escolares, a participação da família na escola deve contribuir para que todos os alunos matriculados nela desenvolvam-se de maneira integral. É desta participação que deve surgir opções, saídas, e dinâmicas para que os objetivos pedagógicos sejam alcançados com sucesso.

> Para funcionar a contento, a escola necessita da adesão de seus usuários (não só de alunos, mas também de seus pais ou responsáveis) aos propósitos educativos a que ela deve visar, e que essa adesão precisa redundar em ações efetivas que contribuam para o bom desempenho do estudante. (PARO, 1999 p. 6)

Nesta esfera de “empoderamento” da família as soluções devem ser construídas com todos. É importante que os pais percebam que este ambiente lhes pertence e que sua contribuição e responsabilidade são essenciais para o bom funcionamento da escola. Os ganhos com esta forma de participação não se limitam aos próprios filhos, toda comunidade escolar sai beneficiada na medida em que há uma tomada de consciência cidadã relacionada ao envolvimento de todos com a educação.

Por conta destes muitos anos de responsabilização da família pelo sucesso (ou fracasso) escolar de seus filhos esta ideia generalizou-se de tal maneira que os pais dificilmente se posicionam de forma contrária. O comum em nossas escolas é vermos a fala da família reforçando as exigências que a escola lhes imputa. Assim seguidamente os pais sentem-se culpados e afastam-se do ambiente escolar por sentirem-se incapazes de contribuir com a aprendizagem de seus filhos da maneira como os professores exigem. “É mister ter bem claro, todavia, que uma tal iniciativa não pode cair no equívoco de delegar aos pais e à comunidade aquilo que compete ao Estado, por meio da escola, realizar.” (PARO, 1999)

Vemos então que o que é apontado hoje como influência da participação da família no aprendizado dos alunos, são somente as respostas às cobranças estabelecidas pelos docentes. Este ciclo de apontamento de culpados e responsáveis pela educação de nossas crianças não estabelece de forma alguma a parceria necessária para que ocorra a parceria tão necessária entre família e escola.

7. ALTERNATIVAS PARA QUE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA OCORRA

Pela experiência e observação do trabalho em sala de aula ao longo dos últimos anos, posso concluir que as famílias de nossos alunos ainda não participam do ambiente escolar de uma forma consciente e tomando posse de um espaço social que é seu. Partindo desta observação e das inúmeras queixas que ouvimos tanto dos professores das famílias, quanto das equipes diretivas, percebemos que os canais para participação, da maneira como ocorrem, são insuficientes.

> Como um microssistema da sociedade, ela [escola] não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo. (DESSEN, 2007 p. 25)

Buscar aqui apontar soluções únicas para este entrave tão pouco será relevante para esta discussão. Sabemos que cada escola tem sua realidade única e própria, portanto cada ambiente escolar optará por diferentes dinâmicas para buscar esta participação. O que deve estar claro para a escola é que ela tem responsabilidade e deve ter a iniciativa nesta aproximação.

> No entanto, o uso de estratégias deve ser adaptado às realidades distintas dos alunos e professores, às demandas da comunidade e aos recursos disponíveis, levando em conta as condições e peculiaridades de cada época ou momento histórico. Neste sentido, é importante identificar as condições evolutivas dos segmentos: professores, alunos, pais e comunidade, em geral, para o planejamento de atividades no âmbito da escola. DESSEN, 2007 p. 26)

Também não podemos esperar que uma ação isolada seja a solução. Ao contrário, muitas são as ações necessárias e com certeza os frutos serão colhidos somente ao longo do tempo. A escola não deve desanimar frente a um desafio tão grande. O trabalho de aproximação com a família deve ser constante e retomado seguidamente.

Importante estar consciente de que este espaço escolar não pertence ao professor, tão pouco à equipe diretiva, este é um espaço da comunidade e a ela deve servir. Tendo isso claro, é a hora de discutir com todos as alternativas que viabilizem esta participação, estar atentos e abertos para realizar as alterações e as adequações que se fizerem necessárias. “No tocante à colaboração escola-família, é importante enfatizar a necessidade de estruturar atividades apropriadas à série do aluno, particularmente em se tratando da participação dos pais no seu acompanhamento.” (Dessen, 2007 p. 28)

A ideia de que o ato de participar das reuniões, auxiliar nas tarefas escolares e enviar mensalmente a contribuição espontânea é suficiente para considerar essas ações como participação dos pais, demonstra que os professores ainda não tem bem claro o que se espera de uma parceria escola e família. Esse, com certeza, deve ser motivo de estudo, leituras e discussões entre o corpo docente para, a partir daí, traçar estratégias de aproximação.

> A despeito das situações-problema que permeiam a relação família-escola, acredita-se que a iniciativa de construir uma relação harmoniosa entre as duas instituições deve ser de responsabilidade da escola e de seus profissionais, que têm uma formação específica. Contudo, os parâmetros para esta relação não devem se basear, apenas, na função de orientar os pais sobre como ensinar seus filhos, como tem preconizado a escola. (OLIVEIRA, 2010 P. 107)

Acima de tudo a escola deve estar atenta para abrir canais de participação que permitam às famílias uma retomada de sua autoestima, uma valorização de suas opiniões e ações junto ao ambiente escolar. Como vimos, uma parceria não se faz encima de cobranças e exigências que muitas vezes não são possíveis de serem cumpridas. Oportunizar a participação da família é dar a ela a vez e a voz para a construção de uma escola melhor para todos.

Este é um desafio que se soma a tantos outros que a escola vem

assumindo. Porém no momento em que se consegue estabelecer esta parceria, a sociedade como um todo será beneficiada, pois teremos a consciência de que somos cidadãos e como tais capazes de contribuir com os rumos de nossa escola, nosso bairro, nosso país. Ter essa responsabilidade social acarretará, sem dúvidas, ganhos em muitos setores da sociedade.

8. PARTICIPAÇÃO NA VIDA ESCOLAR: UMA ATITUDE DE CIDADANIA

A questão que de imediato devemos levantar aqui é a validade e a necessidade da participação da família no ambiente escolar. Tal participação, acima de um ato de doação, é um ato político onde a comunidade escolar toma posse de um ambiente que é seu, desta forma participando e responsabilizando-se pelo melhor uso deste espaço.

> O avanço do processo de construção democrática contribui para fortalecer uma visão sobre construção de cidadania e participação. Estas assumem um papel estratégico na compreensão da formação de novas identidades no contexto societal, assim como da emergência de novas formas de ação coletiva. (JACOBI 2008 p.3)

"[...]observa-se que no geral as propostas participativas ainda permanecem mais no plano da retórica do que no da prática." (JACOBI 2008 p.3). Como vimos no decorrer deste estudo, a participação efetiva da família ainda carece de melhor entendimento e aplicabilidade por parte dos professores e equipe diretiva das escolas que tem a responsabilidade de oferecer mecanismos e canais de participação à comunidade escolar.

Muitos são os casos onde a partir de uma abertura para a comunidade, a escola não sofreu mais depredações. Isso nos mostra que estas famílias tomaram consciência de que aquele espaço lhe pertence, dele podem desfrutar e responsabilizam-se pelo cuidado e manutenção da escola. Ali temos um ambiente de toda a comunidade não somente dos alunos. "A dimensão da cidadania está ancorada numa participação ativa no processo público e nos aspectos simbólicos e éticos apoiados em fatores subjetivos que conferem um sentido de identidade e de pertencimento." (JACOBI 2008 p.8)

> A participação deve ser entendida como um processo continuado de democratização da vida dos cidadãos, e seus objetivos são: 1)

> promover iniciativas a partir de programas e campanhas especiais visando ao desenvolvimento de objetivos de interesse coletivo; 2) reforçar o tecido associativo e ampliar a capacidade técnica e administrativa das associações; 3) estimular a participação na definição de programas e projetos de interesse coletivo, nas suas diversas possibilidades. (JACOBI 2008 p.4)

Como uma democracia recente, é normal que ainda estejamos nos adaptando ao nosso papel como educadores, como sociedade, como cidadãos. Na medida em que nossos direitos, e consequentemente nossos deveres, se consolidam, vemos crescendo nossa consciência de pertencimento e responsabilidade. Assim nosso papel nesta república democrática deve ser repensado, questionado e ampliado para que haja efetivamente uma retomada de nossos valores quando nos referimos a educação. "[...] pode-se afirmar que, apesar de alguns avanços, a participação cidadã associada a um projeto de ampliação da esfera pública depende da capacidade de cada sociedade de ampliar a institucionalidade pública e fortalecer a comunidade cívica. "(JACOBI 2008 p.5)

> [...]a participação social se caracteriza como um importante instrumento de fortalecimento da sociedade civil, notadamente dos setores mais excluídos, na medida em que a superação das carências acumuladas depende basicamente da interação entre agentes públicos e privados no marco de arranjos socioinstitucionais estratégicos. A participação social se enquadra no processo de redefinição entre o público e o privado, dentro da perspectiva de redistribuir o poder em favor dos sujeitos sociais que, geralmente, a ele não têm acesso. (JACOBI 2008 p.5)

"Por outro lado, cada vez mais se toma consciência de que o caminho para uma sociedade democrática não pode restringir-se ao voto nas eleições periódicas para ocupantes de cargos parlamentares e executivos do Estado." (PARO, 1999 p.1) A tomada de consciência deve ultrapassar as responsabilidades já previstas pela família. Partindo destas responsabilidades a escola deve ampliar o leque da participação dando à comunidade escolar a noção de que há um ganho por parte de toda sociedade à medida que todos usufruem e constroem juntos este espaço de educação.

> Entretanto, não se trata, nem de os pais prestarem uma ajuda unilateral à escola, nem de a escola repassar parte de seu trabalho para os pais. O que se pretende é uma extensão da função educativa

> (mas não doutrinária) da escola para os pais e adultos responsáveis pelos estudantes. É claro que a realização desse trabalho deverá implicar a ida dos pais à escola e seu envolvimento em atividades com as quais ele não está costumeiramente comprometido. (PARO, 1999 p. 4)

Historicamente o povo brasileiro tem se omitido, ou por falta de informações ou por desinteresse político, das decisões e do envolvimento construtivo de uma sociedade que participa e opina. Como parte decisiva desta construção, a escola tem o dever de incentivar e oportunizar esses momentos de participação para que assim seja a primeira porta de entrada da família numa sociedade realmente democrática que valoriza a opinião da comunidade. Lugar que antes sofreu tanto com a repressão, agora deve ser a incentivadora de uma tomada de postura política de participação consciente.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo temos claro a necessidade de estabelecer-se de forma harmônica e contínua uma relação consciente e agregadora entre família e escola. Observamos que muitos são os desafios e as ideias pré estabelecidas quanto a esta relação por isso cabe à escola desmistificar as exigências e cobranças postas sobre a família.

Faz-se necessário, assim, que a escola amplie as possibilidades de participação da comunidade e tenha claro que estas iniciativas são de sua responsabilidade e a ela servirão como instrumento de construção da cidadania. A participação da família torna-se assim um ato político e centrado numa forma democrática de atuação.

Importante salientarmos que trabalhamos hoje com diferentes núcleos familiares, portanto temos a necessidade de estabelecermos ai relações que respeitem e contemplem a família da qual nosso aluno vem. É deste núcleo familiar que provem as primeiras lições de convivência e respeito que as crianças aprimorarão no ambiente escolar.

Fazer deste ambiente um dos primeiros passos de uma construção sólida de cidadania é também dever da escola. A ela compete ampliar a noção de participação que hoje permanece muito centrada nas responsabilidades e cobranças junto às famílias visando a aprendizagem dos alunos. Trazer para o ambiente escolar as necessidades e expectativas da comunidade é torná-la o centro do processo e desta forma construirmos juntos a escola participativa e cidadã que queremos.

Não é possível nos dias de hoje que a escola entenda como normal a desmotivação e o desinteresse da família pelas atividades escolares. Ao mesmo tempo sabemos que as ações necessárias para esta aproximação são

de resposta lenta e a longo prazo. Há porém a necessidade constante de que se retome esta discussão e que se aponte caminhos para uma aproximação.

Neste aspecto vemos que não há um único molde ou receita para que tal participação ocorra. A primeira necessidade que se impõe é a de conhecer as pessoas com quem vai-se construir essa relação. Partindo das necessidades e disponibilidades de cada comunidade, a escola deve oportunizar canais de troca e momentos de discussões para que este ambiente seja realmente construído por todos.

Algumas ações observadas durante o estágio destacam-se como possibilidades de comunicação entre família e escola. Essas porém são apenas algumas das opções de estratégias que a escola pode adotar. Penso que o trabalho de aproximação entre família e escola deve, no primeiro momento, passar pela conceituação que os professores fazem desta relação. Trabalhar esta visão é talvez o princípio de uma tomada de postura frente ao problema que se impõe nesta relação.

Valorizando os espaços de discussão e qualificando estes encontros entre professores, pais, funcionários e alunos, temos o envolvimento de toda a comunidade escolar focada em um único objetivo: uma escola de qualidade que atenda as demandas da sociedade construindo um espaço democrático de participação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcia Angela da S.. **Gestão da educação básica e o fortalecimento dos Conselhos Escolares**. *Educ. rev.* [online]. 2008, n.31, pp. 129-144. ISSN 0104-4060.

ARROYO, Miguel G.. **Educação popular, saúde, equidade e justiça social**. *Cad. CEDES* [online]. 2009, vol.29, n.79, pp. 401-416. ISSN 0101-3262.

CAETANO, Luciana Maria. Relação escola e família: uma proposta de parceria. **Intellectus:** Revista Digital Acadêmica das Faculdades Unopec, Jaguariúna/SP, p.8-16, jul/dez. 2003. Disponível em: <http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana.pdf>. Acesso em: 07 set. 2010.)

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de**. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 143-155, julho/ 2000

BEZERRA, Zedeki Fiel et al. **Comunidade e escola**: **reflexões sobre uma integração necessária**. *Educ. rev.* [online]. 2010, n.37, pp. 279-291. ISSN 0104-4060.

DESSEN, Maria Auxiliadora. POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano.** Paidéia (Ribeirão Preto) [on-line]. Abr 2007, vol.17, n.36. p.21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em: 04 set. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JACOBI, Pedro Roberto. **Estado e educação**: **o desafio de ampliar a cidadania**. *Educ. rev.* [online]. 2008, n.31, pp. 113-127. ISSN 0104-4060.

MAIMONI, Eulália H. RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Família e escola:** uma parceria necessária para o processo de letramento. **Revista brasileira de Estu-**

dos Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 217, p. 291-301, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/16/18>. Acesso em: 17 set. 2010.

OLIVEIRA, Claisy Maria Marinho-Araújo, Cynthia Bisinoto Evangelista de. **A relação família-escola: intersecções e desafios.** Estudos de Psicologia - Campinas janeiro - março 2010

PARO, Vitor Henrique **Administração Escolar e Qualidade do Ensino:** O que os Pais ou Responsáveis Têm a VerCom Isso? Rio de Janeiro, DP & A, 1999.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. José Olympio ed. 15ª edição. Rio de Janeiro, 972/2000. (verifica data da edição consultada)

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Família, escola e mídia**: um campo com novas configurações. *Educ. Pesqui.* [online]. 2002, vol.28, n.1, pp. 107-116. ISSN 1517-9702.